

Educação para o
trabalho e memórias
literárias: uma
sequência didática
para alunos do
PROEJA

Ana Carolina Steffen Figueiredo
Márcio José dos Reis

Ficha catalográfica elaborada com dados fornecidos pela autora

Figueiredo, Ana Carolina Steffen

Educação para o trabalho e memórias literárias: uma sequência didática para alunos do PROEJA / Ana Carolina Steffen Figueiredo -- Sertãozinho - SP, 2020.

32 f.; il.: color.

Orientador: Prof. Dr. Márcio José dos Reis

Produto educacional (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT)) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Campus Sertãozinho, 2020.

Catálogo na publicação: Gisele Machado da Silva – CRB 8/8554

Professor(a)

Este material educativo é resultado da pesquisa em mestrado intitulada TRABALHO E MEMÓRIAS: UMA PROPOSTA DE ENSINO PARA O PROEJA, apresentada ao Programa de Pós-Graduação no nível de Mestrado profissional em educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Sertãozinho, elaborada pela mestrande Ana Carolina Steffen Figueiredo, sob a orientação de Márcio José dos Reis.

*A pesquisa surgiu com a intenção de fazer o professor lançar um olhar sobre o modo como o mundo do trabalho é levado para dentro da sala de aula. Como resultado, chegamos ao presente material educativo: **Educação para o trabalho e memórias literárias: uma sequência didática para alunos do PROEJA.***

O material é composto de duas partes. A primeira parte apresenta aos professores uma proposta de sequência didática para o ensino do gênero textual memórias literárias, na disciplina de Língua Portuguesa. A sequência didática apresentada tem o objetivo de levar o aluno a conhecer o gênero textual citado e despertar nele reflexões sobre o trabalho, em consonância às concepções teóricas que embasam o ensino médio integrado.

A segunda parte apresenta aos professores uma introdução dos conceitos que envolvem a proposta pedagógica dos Institutos Federais de Educação, que articula ciência, trabalho e cultura na perspectiva de formação integral do sujeito. Um dos objetivos a que se propõe este material educativo é demonstrar a singularidade da proposta de ensino médio integrado. Para tanto, buscamos na segunda parte do material introduzir as teorias que orientam a educação de nível médio integrado ao técnico e o que versam sobre a integração da dimensão trabalho. A compreensão das teorias é fundamental para o entendimento das atividades propostas na primeira parte.

Desejamos que o presente material educativo possa contribuir para elucidar a relação existente entre o ensino médio integrado e o trabalho, e também como ponto de partida para maiores reflexões sobre a prática de ensino em educação profissional e tecnológica, gerando novas propostas, não somente em Língua Portuguesa, e sim para os diversos componentes curriculares dos professores que se aventurarem a conhecer este material.

Apresentação

O presente material educativo **Educação para o trabalho e memórias literárias: uma sequência didática para alunos do PROEJA** foi elaborado para ser aplicado em turmas de ensino médio integrado ao técnico (EMI), na modalidade de educação de jovens e adultos. Na primeira parte, o material traz uma sugestão de sequência didática baseada em Dolz, Noverraz e Schneuwly para ensinar o gênero textual memórias literárias e promover por meio deste ensino reflexões sobre o conceito de trabalho. Na segunda parte, o material introduz teorias que definem a identidade da proposta educativa dos Institutos Federais de Ensino em relação à integração das dimensões trabalho, ciência e cultura, com destaque para dimensão trabalho, e explica o porquê da necessidade de integração dessa dimensão.

A concepção de material educativo é baseada em Kaplún, que o define como “um objeto que facilita a experiência de aprendizado (2003, p.46)”. Assim definido, apresentamos aos professores o presente material, que tem como objetivo ser uma opção para o ensino do gênero textual memórias literárias, aliado ao desenvolvimento de reflexões sobre o trabalho, introduzindo premissas da educação profissional.

Retomando Kaplún, ao afirmar que um material educativo é “algo que facilita ou apoia o desenvolvimento de uma experiência de aprendizado, isto é, uma experiência de mudança e enriquecimento em algum sentido: conceitual ou perceptivo, axiológico ou afetivo, de habilidades ou atitudes (2003, p.46)”, desejamos que o material **Educação para o trabalho e memórias literárias: uma sequência didática para alunos do PROEJA** ofereça de modo eficaz aos professores uma maneira de ensinar o gênero textual memórias literárias agregando momentos de reflexão sobre o sentido do trabalho no EMI, e também um acréscimo no conhecimento sobre a educação profissional.

Sumário

Parte I - Sequência Didática.....	6
1º Encontro	7
2º Encontro	10
3º Encontro	13
4º Encontro	15
5º Encontro	17
6º Encontro	17
7º Encontro	19
Parte II	20
A Educação Profissional e Tecnológica e o ensino médio integrado ao técnico: surgimento, princípios e proposta pedagógica.	20
A educação para o trabalho na história	21
O EMI: perspectiva de abertura para uma educação politécnica ..	22
O ser humano e o trabalho, a ciência e a cultura	24
Currículo e Metodologia	27
REFERÊNCIAS	31

Parte I - Sequência Didática

Escrevendo as memórias e pensando o trabalho – apresentação da situação

O início do primeiro encontro é o momento de apresentar aos estudantes o que será feito. É interessante fazer uma explicação geral do que são gêneros textuais, recorrendo inclusive aos gêneros que já foram trabalhados anteriormente e a gêneros correlatos, como diários, biografia, relatos de viagem etc. Também é importante esclarecer que a proposta envolve reflexões acerca do trabalho, necessária em cursos que formam para o trabalho. O professor deve explicar que estão iniciando uma SD de sete encontros, que tem os propósitos de fazer com que aprendam características do gênero textual memórias literárias e de fazer com que reflitam sobre as formas que o trabalho pode ter. É necessário pontuar que ao final da sequência, os estudantes farão uma produção do gênero estudado. Alguns pontos podem ser negociados nesse momento, como: a quem a produção irá se destinar (o que consideram mais adequado - os próprios colegas, famílias, professores etc.), que forma assumirá a produção final (concordam em fazer um livreto, uma exposição de textos etc.), quem participará (caso exista a possibilidade de envolver outras turmas).

Importante

As sugestões podem ser adaptadas e modificadas de acordo com a realidade de cada turma, inclusive a quantidade de encontros pode ser alterada.

As sequências didáticas apresentam uma grande variedade de atividades que devem ser relacionadas, adaptadas e transformadas em função das necessidades dos alunos, dos momentos escolhidos para o trabalho, da história didática do grupo e da complementaridade em relação a outras situações de aprendizagem da expressão, propostas fora do contexto das sequências didáticas. É a partir de uma análise minuciosa da produção inicial que o professor poderá adaptar a sequência didática à sua turma, a certos grupos de alunos de sua turma, ou ainda a certos alunos (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p.93).

1º Encontro

Neste encontro será feita a explicação da sequência didática aos estudantes, será realizada a primeira roda de conversa, leitura e análise de texto, e a escrita da primeira produção.

Objetivos do 1º Encontro

Os alunos deverão:

- participar de roda de conversa;
- contar vivências do mundo do trabalho;
- manifestar opiniões sobre a concepção que possuem de trabalho;
- compreender que no gênero memórias literárias o narrador conta, em forma de memórias, histórias ocorridas no passado;
- realizar uma primeira produção do gênero memórias literárias.

Importante

O gênero Memórias caracteriza-se por apresentar como tema o relato de fatos vividos ou presenciados por alguém no passado, trazidos à tona através de rememoração. A construção composicional apresenta, sobretudo, sequência narrativa, na qual o narrador conta, em forma de memórias, histórias ocorridas no passado; e sua estrutura, tal como outras narrativas, é composta dos seguintes elementos: espaço, tempo, personagens, narrador e enredo. Quanto ao estilo, no gênero Memórias a escolha do léxico permite identificar os recursos linguísticos utilizados pelo autor para descrever objetos, pessoas lugares ou expressar e provocar, no leitor, sentimentos, sensações e estados de espírito, como a escolha de adjetivos e o uso de linguagem conotativa por meio de figuras de linguagem (NETA, SALES e SILVA, 2018, p.131).

Atividades e desenvolvimento

1ª parte

Os estudantes devem receber a cópia impressa do texto.

Leitura e análise de texto

Era um domingo qualquer no ano de 1953. A família inteira vestiu as melhores roupas para a missa da matriz e um passeio pela praça. Mas naquele dia o programa era outro. Meu pai, oficial pedreiro, nos levou para ver a obra, um sobrado que ele estava construindo em regime de empreitada. A construção estava na fase final. Com muito orgulho, ele nos mostrou os delicados detalhes de acabamento daquela casa quase pronta. Minha mãe, meus dois irmãos e eu olhávamos a obra com admiração. Trinta anos depois, num curso de pós-graduação nos Estados Unidos, soube que aquela visita à casa que meu pai estava construindo tem um nome elegante e expressivo: *celebração do trabalho*.

O orgulho dos antigos trabalhadores por causa de uma obra bem-feita não se resumia a um sentimento individual e a um reconhecimento pelos membros da corporação de ofícios. Envolvia atos de celebração na família e comunidade [...]. Embora durante muitos anos fosse incapaz de entender o significado da celebração da qual participei em 1953, aprendi, desde aquela ocasião, que o trabalho não é só ganha

pão, mas também realização que dá sentido à vida. Aprendi que o orgulho de um profissional por uma obra bem-feita é um aspecto fundamental do saber do trabalhador (BARATO, 2008).

2ª parte

Roda de conversa

Durante a roda de conversa é necessário explorar as características do gênero e fazer com que os alunos expressem suas ideias sobre o que é trabalho. Nesse primeiro encontro é necessário que os alunos percebam que no gênero memórias literárias o narrador conta, em forma de memórias, histórias ocorridas no passado. O professor pode reler o primeiro parágrafo e perguntar aos alunos quem conta os fatos narrados e quando eles ocorreram. Após a resposta dos estudantes, pode localizar junto deles e pedir para que grifem no texto lido essa informação. Na sequência pode pedir que encontrem outras palavras que indicam que são fatos acontecidos no passado, e grifar junto deles as respostas dadas. Em relação ao trabalho, pode perguntar se concordam com a definição dada pelo autor, e por que concordam ou não concordam.

- Quem conta os fatos narrados? Quando eles ocorreram?
- Vocês concordam com a definição de trabalho dada pelo autor?
- Por que o ser humano trabalha?

3ª parte

Primeira produção de gênero memórias literárias

De acordo com SCHNEUWLY e DOLZ, se a proposta for bem explicada, os alunos conseguem realizar uma primeira produção para o gênero, e é a partir das necessidades identificadas nessa primeira produção que se definirá o que cada módulo abordará para que os alunos avancem nos conhecimentos sobre o gênero. Assim como o texto utilizado para análise em aula, a proposta para produção é que escrevam um trecho de texto de memórias literárias, e são sugeridos os seguintes temas: a infância, o primeiro animal de estimação, o primeiro emprego, ou dar liberdade aos estudantes para que escolham o tema, desde que dentro da proposta do gênero. O professor pode adicionar outros temas também, de acordo com a experiência com a turma.

No momento da produção inicial, os alunos tentam elaborar um primeiro texto oral ou escrito e, assim, revelam para si mesmos e para o professor as representações que têm dessa atividade. Contrariamente ao que se poderia supor, a experiência nos tem mostrado que esse encaminhamento não põe os alunos numa situação de insucesso; se a situação de comunicação é suficientemente bem definida durante a fase de apresentação da situação, todos os alunos, inclusive os mais fracos, são capazes de produzir um texto oral ou escrito que responda corretamente a situação dada, mesmo que não respeitem todas as características do gênero visado. Cada aluno consegue seguir, pelo menos parcialmente, a instrução dada. Esse sucesso é parcial e, de fato, uma condição *sine qua non* para o ensino, pois permite circunscrever as capacidades de que os alunos já dispõem e, conseqüentemente, suas potencialidades. É assim que se definem o ponto preciso em que o professor pode intervir melhor e o caminho que o aluno tem ainda a percorrer: para nós, essa é a essência da avaliação formativa. Desta forma, a produção inicial pode “motivar” tanto a sequência quanto o aluno (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p.86).

4ª parte

É importante manter o registro dos aprendizados de cada aula. Este pode ser feito de modo oral ou escrito, ao final de cada encontro. Caso opte pela retomada oral, é necessário que no momento anterior a produção final, em um dos encontros finais da SD, destinado a retomada geral de todos os aprendizados para realizar a produção final, esses aprendizados sejam disponibilizados de modo impresso aos estudantes.

Para gostar de ler

Texto: “A galinha ou eu!”

Denizia Moresqui

Lá estava ele, entre o paiol e o pé de limão, reinando absoluto na hora da dor de barriga: o *mitório*, ou privada, ou W. C. caipira. Pra vocês que têm menos de trinta anos e nunca moraram em sítio, aqui vai a descrição do *mitório*: uma casinha bem pequena de madeira, dentro tem uma caixa grande com um buraco em forma de losango, onde a gente se sentava para... Bem, para fazer o que hoje vocês fazem no vaso sanitário.

O nosso *mitório* era bem velho e ficava a uns dez metros da casa. Ter dor de barriga de madrugada estava fora de questão, já que nem luz elétrica havia lá. O fato que vou lhes contar agora, do qual o *mitório* é personagem principal, ocorreu por volta de 1978, quando eu tinha uns cinco anos. Desde bebê, morei numa fazenda. Minha mãe criava os cinco filhos e as galinhas soltos no quintal. A gente mal sabia a diferença entre nós e elas. Só sabíamos que as galinhas eram nossas amigas e que nós as comíamos no almoço de domingo. Eu sempre gostei de animais, talvez porque me sentisse como um deles. Conversava com cavalos, ouvia as queixas dos pintinhos, desabafava com a vaca.... Um dia, porém, uma galinha nova olhou para mim com ar arrogante, parecia se sentir superior à minha pessoa. Quando dei por mim, estava eu perseguindo a danada a fim de dar-lhe uma surra. Eu corria pra um lado, a galinha pro outro; quando quase conseguia pegá-la, ela se esgueirava e fugia. Foi então que a infeliz correu para o lado do *mitório*: o personagem principal desta história. Como eu estava determinada a dar uma lição na famigerada, continuei na caça. Ela entrou no *mitório* e eu atrás. Quando se viu encurralada, deu uma esvoaçada (porque galinha não voa, esvoaça), e não é que a penosa caiu bem dentro do buraco do *mitório*.

- E agora, o que farei? - pensei em voz alta. Olhei para fora do estabelecimento. Não havia ninguém, nenhuma testemunha do meu crime. Então saí assoviando (se eu soubesse assoviar). Fingi que nada havia acontecido. Pois se eu contasse à minha mãe era surra na certa. Tirariam a galinha de lá, mas eu entraria na cinta.

- Se fiquei com remorso? Sim, fiquei por um ou dois minutos. Remorso de criança e de político tem breve duração. Depois me esqueci de tudo brincando com meus irmãos e primos. Algum tempo passou, não sei se um mês ou um ano. Porque, para as crianças, o tempo passa diferente, um dia pode parecer uma semana. Então, passado o tempo, alguém olhou para o *mitório* e disse:

- Está velho, vamos derrubar.

Não pense que ganharíamos um vaso sanitário. Isso era algo impensável naqueles dias. Ganharíamos um *mitório* novo em cima do mesmo buraco. Tira telha, tira tábuas, tira ripa, tira piso... E então o que surgiu foi assombroso. Adivinhem quem surgiu da... (as reticências falam por si) “a galinha” viva e saudável. Foi retirada do buraco e passou a caminhar espantada pelo quintal. Mais espantados ficaram os moradores da fazenda, principalmente eu, que sabia (ou imaginava) quanto tempo a coitada passou lá. Estão pensando que eu contei tudo à minha mãe? Que nada, até hoje só eu e a galinha conhecíamos a verdade e como ela não falava... escapei. Só com trinta e quatro anos resolvi contar ao mundo nossa história. Uma homenagem póstuma à galinha. Quem será

que a comeu?

Denízia Moresqui

Essa história foi escolhida no Projeto Revelando os Brasis, do Instituto Marlim Azul, patrocinado pela Petrobras, e virou filme em 2011

Disponível em: <http://deniziamoresqui.blogspot.com.br/2016/12/a-galinha-ou-eu.html>

2º Encontro

O trabalho retratado em filmes

Os alunos assistirão a trechos de dois filmes com o propósito de continuar a reflexão sobre as formas pelas quais o trabalho pode ser vivenciado e produzirão um texto de memórias a partir dos filmes assistidos.

Objetivos

Os alunos deverão:

- participar de roda de conversa;
- assistir trechos de filmes;
- identificar qual dos dois filmes é o adequado para se escrever textos de memórias literárias;
- perceber que o modo como o autor escreve suas memórias pretende provocar, no leitor, sentimentos, sensações e estados de espírito;
- transformar o filme escolhido em um texto do gênero memórias literárias;
- compreender o trabalho como forma de interação entre as pessoas e também com o meio;
- perceber o ser humano e a si mesmo como agente de transformação da realidade, e o trabalho como causador intencional dessa transformação.

Atividades e desenvolvimento

1ª parte

Assistir trechos de filmes



Filme: O menino que descobriu o vento

Duração: aproximadamente 20 min – de 1h18 min a 1h42min

Nota explicativa do trecho a ser passado

Baseado em fatos reais, em um período de seca um rapaz consegue evitar que a vila em que mora sofra com a fome ao criar um protótipo que utiliza energia eólica para retirar água do subsolo. O trecho escolhido mostra o pai do protagonista disponibilizando a bicicleta para ser utilizada na construção do protótipo e todos no vilarejo trabalhando na construção, até o momento em que a água é retirada.



Filme: Tempos Modernos

Duração: aproximadamente 15 min

Nota explicativa do trecho a ser passado

O trecho a ser passado retrata o trabalhador em uma linha de produção nos tempos da indústria taylorista-fordista. A comédia apresenta o trabalhador sobrecarregado com o ritmo de trabalho, dando sinais de estafa. O trecho mostra o momento de trabalho na fábrica.

2ª parte

Roda de conversa

Durante a roda de conversa o professor deverá retomar características apresentadas no primeiro encontro do gênero memórias literárias e acrescentar, para este encontro, a intenção do autor de provocar, no leitor, por meio de sua escrita, sentimentos. Pode ser retomado o texto da aula anterior e perguntar o que sentiram ao lê-lo. O professor pode também utilizar-se dos resultados da primeira produção realizada pelos estudantes para orientar-se em relação aos conhecimentos conversados na aula anterior que necessitam ser mais explorados. Em relação ao trabalho, deve ser explorado o conceito de trabalho como essencial à condição humana, produtora da existência, determinante da relação estabelecida entre seres humanos e destes com o meio, que pode assumir a forma criativa, libertadora ou opressora.

- Como vocês descreveriam o trabalho nos dois filmes?
- Como vocês descreveriam a criatividade desenvolvida no trabalho pelo protagonista nos dois filmes?
- Como é retratada a interação entre as pessoas no trabalho nos dois filmes?
- Como é a relação do protagonista com o meio em que vive?
- Vocês já vivenciaram alguma situação semelhante?

3ª parte

Produção simplificada de texto

Os alunos deverão identificar qual dos filmes é adequado para se escrever o gênero. Espera-se que já consigam diferenciar que memórias são vivências reais e escolham o filme baseado em fatos reais. Os alunos devem se colocar no lugar do protagonista e produzir um texto do gênero memórias literárias, observando as características do gênero exploradas até o momento.

Importante

Ao explicar o eixo pedagógico dos materiais educativos, Kaplún (2003) apresenta a ideia de **conflito conceitual**. De acordo com o autor, a partir do que os alunos sabem serão construídos novos conhecimentos, que os farão modificar ou ampliar o conhecimento que já possuem. Caso os conhecimentos dos alunos precisem ser ampliados, o autor chama as ideias que eles já possuem de ideias construtoras, ou seja, ideias que servirão de base para novas construções. Caso os conhecimentos dos alunos precisem ser modificados, por estarem incorretos, e a partir deles serem construídas novas concepções, é necessário criar um conflito conceitual, que provoque nos alunos dúvidas em relação ao que sabem até o momento. O autor salienta, porém, que desconstruir não é destruir, e explica que ensinar desse modo não é o mesmo que expor. A proposta que perpassa toda a SD é, a partir do que os estudantes entendem que é trabalho, introduzir o conceito de trabalho no sentido ontológico e histórico. Além de, como já foi exposto anteriormente, conhecer o gênero textual, saber seu contexto de uso e aprender suas características.

4ª parte

Registro dos aprendizados da aula.

3º Encontro

Os alunos participarão da roda de conversa, analisarão um texto de memórias literárias e continuarão a aprender as características do gênero memórias literárias e a discutir o trabalho, desta vez o relacionando à ciência.

Objetivos

- participar de roda de conversa;
- perceber o modo como o autor descrever objetos, pessoas, lugares no texto de memórias literárias;
- compreender o conhecimento científico das diversas áreas do saber como produto do trabalho humano;
- identificar no texto características do gênero aprendidas até o momento.

Atividades e desenvolvimento

1ª parte

Leitura e análise de texto

Curvas do tempo

Oscar Niemeyer¹

Não é o ângulo reto que me atrai, nem a linha reta, dura, inflexível, criada pelo homem. O que me atrai é a curva livre e sensual, a curva que encontro nas montanhas de meu país, no curso sinuoso dos seus rios, nas ondas do mar, no corpo da mulher preferida. Das curvas é feito todo o universo, o universo curvo de Einstein.

Hoje, sábado, num desses momentos de ócio, lembrei que poderia escrever um livro contando minha vida e meus problemas de arquiteto, nesse curto passeio que o destino oferece [...]. Começarei lembrando de onde venho. Meu nome deveria ser Oscar Ribeiro Soares ou Oscar Ribeiro de Almeida de Niemeyer Soares, mas prevaleceu o nome estrangeiro e acabei conhecido como Oscar Niemeyer.

[...] Uma das coisas que marcam nossas vidas de forma inesquecível são as casas onde moramos. O ambiente familiar nela vivido, os problemas enfrentados pela vida afora. Nelas, nas velhas paredes que do mundo nos separavam, a família cresceu e, entre alegrias e tristezas, o tempo passou implacável. E uma vontade de voltar atrás, de outra vez viver aqueles velhos tempos, leva-nos a lembrar as casas antigas que, da juventude à velhice nos deram abrigo. Algumas já desaparecidas, outras resistindo ainda, mas, como nós, batidas pelo tempo, com as paredes sem o seu antigo rigor, os pisos em desníveis e os telhados ou lajes vencidas pelas infiltrações inevitáveis.

[...] Meus pais... Como eram bons. Nunca os vi em briga, nunca ouvi deles uma palavra amarga. Viviam um para o outro e, juntos, para todos nós. Suas vidas foram tão amenas, tão simples e repetidas que nenhum fato especial encontro para contar. Recorro de novo às fotos de família, curioso de ver como eles eram muitos anos atrás, para sentir como se adaptaram, ao correr dos anos, às perfídias da vida, aos imprevistos inesperados e inevitáveis. [...] E me espanto a pensar como cinco ou seis fotos como aquelas podiam reconstituir a vida do ser humano. A aventura de duas pessoas que se amaram, tiveram filhos, envelheceram, conheceram alegrias e tristezas, para depois, uma após outra, desaparecerem para sempre.

[...] Passaram-se os tempos, JK² é eleito deputado e, pouco tempo depois, presidente da República, e logo me procura. Vem à minha casa das Canoas e, voltando

juntos para cidade, me confia, com entusiasmo: “Vou construir a nova capital desse país e você vai me ajudar”. Explicando-me, com a mesma euforia de vinte anos atrás, o que pretendia fazer: “Oscar, desta vez vamos construir a capital do Brasil. Uma capital moderna. A mais bela capital deste mundo! ” Daí em diante, a ideia de Brasília nos absorveu intensamente. A seu pedido, entrei em contato com Israel Pinheiro, que se incumbiria da construção e, dias depois, lá eu ia de avião com JK e sua comitiva, para ver o local escolhido. Era um imenso deserto, perdido no Planalto Central. Mas a minha surpresa, as minhas dúvidas, logo se desvaneceram diante do seu otimismo. E nele tudo era tão claro e sua fé e determinação tão contagiantes, que logo me convenci de que naquele lugar, naquele fim de mundo, surgiria dentro de poucos anos a nova capital do nosso país.

[...] Este livro não tinha como principal objetivo explicar a minha arquitetura, mas é claro que devo fazê-lo. Afinal, nela debruicei por toda a vida. Foi o meu hobby, uma das minhas alegrias procurar a forma nova e criadora que o concreto armado sugere. Descobri-la, multiplicá-la, inseri-la na técnica mais avançada. Criar o espetáculo arquitetural. [...] Sempre defendi minha arquitetura preferida: bela, leve, variada, criando surpresa. [...] Mas não vou descer a detalhes, vou apenas contar minha trajetória de arquiteto, minhas dúvidas, minhas revoltas, minha coragem profissional de fazer apenas o que me agrada e emociona. Sem temor, indiferente a todas as regras preestabelecidas. [...] Eis o que lhes devia dizer sobre a minha arquitetura feita com coragem e idealismo, mas consciente de que o importante é a vida, os amigos, e esse mundo injusto que precisamos melhorar.

1. Oscar Niemeyer (1907-2012) foi arquiteto e escritor brasileiro.
2. Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902 – 1976) foi presidente do Brasil entre 1956 e 1961.

2ª parte

Roda de conversa

Durante a roda de conversa o professor deverá retomar características estudadas nas aulas anteriores e destacar neste encontro o caráter descritivo. O professor pode também utilizar-se dos resultados da produção realizada pelos estudantes baseada nos trechos de filmes para orientar-se em relação aos conhecimentos conversados nas aulas anteriores que necessitam ser mais explorados. Para abordar o caráter descritivo, o professor pode pedir que os estudantes localizem no texto o modo como o autor descreve os pais e grifem a descrição encontrada. Em relação ao trabalho, deve fazer com que os estudantes percebam que o ser humano produz conhecimento científico em diversas áreas do saber por meio do trabalho, e que o conhecimento descoberto é transmitido de geração em geração.

- Quais sentimentos vocês tiveram ao ler a descrição dos pais feita pelo autor?
- Qual é a ligação que vocês acreditam que exista entre a ciência e o trabalho?
- Quais conhecimentos são necessários para se construir uma casa/cidade?
- Quais conhecimentos são necessários para se fazer uma cirurgia?
- Como eram construídas as casas há trezentos anos?
- Como eram feitas cirurgias há quinhentos anos?

3ª parte

Em duplas ou grupos, identificar no texto lido as características do gênero aprendidas até o momento. Depois, um representante de cada grupo irá apresentá-las

para a classe. É importante ressaltar que a atividade pode ser adaptada ou modificada pelo professor, de acordo com as características da turma.

4ª parte

Registro dos aprendizados da aula.

4º Encontro

Os alunos participarão da roda de conversa, analisarão um texto de memórias literárias e continuarão a aprender as características do gênero memórias literárias e a discutir o trabalho, desta vez o relacionando à cultura.

Objetivos do 4º Encontro

- participar de roda de conversa;
- perceber a cultura como produção humana;
- explorar a escrita do gênero por meio da rememoração;
- produzir texto de memórias literárias.

Atividades e desenvolvimento

1ª parte

Leitura e análise de texto

Beira Mar Pedro Nava¹

Era hábito dos estudantes da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte levarem o curso na flauta até as férias do meio do ano. Garantia-se apenas a frequência e ia-se remanchando um estudozinho no mole. No mês de agosto começava a *virada* das leituras até de madrugada, durante o dia, a cada instante que se tinha livre.[...] Pelos jornais acompanhávamos o mundo daquele 1926 [...] Uma certa liberdade feminina começava a apontar. [...] As saias subiam cada vez mais generosamente – estavam nos joelhos. [...] Vimos assim os primeiros sovacos raspados (que pena!) enquanto as que achavam imodesto tratar as axilas a navalha, usavam, saindo do vestido um tapinha que cobria a zona cabeluda e que prendia-se no braço com fitinhas. Em ambos os casos, sempre fazendo parte do vestido de baile, echarpes de gaze que disfarçavam aquele excesso de carne à mostra. Começava-se timidamente a conversar nos portões com as amadas ou a abordá-las rapidamente nas ruas.

[...] Eu estava plenamente realizado com o lugar de interno da Santa Casa. Ganhava mais que na Higiene. [...] Logo nos primeiros dias de minha entrada como residente da Santa Casa, num dos plantões da noite, resolvi dar uma volta nas enfermarias por simples curiosidade e ver como era o hospital àquela hora. Comecei pelas mais afastadas, o lado das três clínicas cirúrgicas. [...] Foi assim que primeiro por curiosidade e depois pela obrigação que dei a mim mesmo, passei a fazer todas as noites essa descida. [...] Aprendi ali mais que com os livros.

1. Pedro da Silva Nava (1903 – 1984) foi um médico e escritor brasileiro.

2ª parte

Roda de conversa

Durante a roda de conversa o professor deverá destacar a característica de rememoração utilizada para a escrita do gênero. Em relação ao trabalho, deve explorar a arte, leis, valores, crenças como criações humanas que se modificam em diferentes tempos e lugares.

- Qual situação o texto lido conta?
- Que época ele trata? Em que época o autor escreve?
- Vocês conhecem algo que era costume antigamente e hoje não é mais?
- Por que vocês acham que há tantos modos diversos de crenças, valores, artes, leis ao redor do mundo?
- Como foi criada toda essa diversidade?
- Por que a forma de viver de uma população muda ao longo do tempo?

3ª parte

Produção simplificada de texto

De modo individual ou em duplas, escrever um **trecho** de texto do gênero memórias literárias, contando um costume de antigamente. Depois, trocar texto com colega e analisar o texto do colega de acordo com as características do gênero. É importante ressaltar que a atividade pode ser adaptada ou modificada a critério do professor.

4ª parte

Registro dos aprendizados da aula.

5º Encontro

Neste encontro será realizada uma retomada geral do que foi estudado e os alunos farão a produção final.

Objetivos do 5º Encontro

- revisar as características do gênero;
- realizar uma produção final;
- participar de roda de conversa sobre o que compreendiam sobre o trabalho ao início dos encontros e o que compreendem após os encontros.

Atividades e desenvolvimento

1ª parte

Revisão de todas as características do gênero textual memórias literárias estudadas nos encontros

2ª parte

Roda de conversa

Durante a discussão o professor deverá retomar toda a compreensão da concepção de trabalho explorada ao longo dos encontros.

3ª parte

Produzir um texto de memórias literárias contando alguma experiência de sua vida no mundo do trabalho e relacioná-la às concepções de trabalho aprendidas ao longo dos encontros.

6º Encontro

O sexto encontro é reservado à realização de uma correção da produção final. A correção poderá ser realizada de muitas maneiras, a critério do professor.

[...] pode-se corrigir diretamente o texto, sublinhar o lugar onde se situa o erro (referindo-se ou não a um código comum de tipos de erros), indicar o número de erros a serem corrigidos numa passagem etc. O objetivo essencial é que cada um melhore progressivamente suas capacidades ortográficas, através dessas atividades de revisão (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p.100).

Os estudantes podem participar ativamente dessa revisão.

A revisão de textos, do ponto de vista da ortografia, é um lugar ideal de colaboração. Dar seu texto para outros lerem é uma prática usual, mesmo entre profissionais de escrita. Com efeito, os erros dos outros são mais facilmente percebidos do que os próprios. Em classe, essa colaboração pode assumir diversas formas: troca de textos entre dois alunos, cujas capacidades em ortografia são bastante próximas; colaboração entre um aluno que tem facilidade e um que encontra mais problemas; utilização de um grupo de “especialistas” em ortografia; e, naturalmente, recurso ao professor como leitor (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p.101)

Importante

Torna-se importante destacar que Schneuwly, Dolz e Noverraz destacam o caráter da perspectiva textual das sequências. E é nesse sentido que ressaltam que os problemas referentes a outros domínios da língua, como por exemplo, gramática, sintaxe e ortografia, podem ser articulados à sequência. Porém, destacam que essa não é centralidade de uma SD, e que abordagens desses outros domínios são complementares e devem ser retomados em outros momentos exclusivos, fora da sequência. Completam afirmando que a sequência ajuda algumas vezes a dar sentido e contextualizar problemas desses outros domínios.

A perspectiva adotada nas sequências didáticas é uma perspectiva textual, o que, como já foi sublinhado várias vezes, implica levar em conta os diferentes níveis do processo de elaboração dos textos. É no nível da textualização, mais particularmente, que o trabalho conduzido nas sequências torna-se complementar a outras abordagens (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p.96).

O foco é, portanto, o trabalho com textos. Ao longo desta SD, os objetivos giravam em torno de aprender as características do gênero. O professor pode, conforme já apontado anteriormente, fazer adaptações na SD e incluir outras aprendizagens referentes à gramática, sintaxe e ortografia, desde que a SD dê sentido. Porém, não deve priorizar essas aprendizagens em detrimento do trabalho com o gênero.

Para o professor, cujo olhar, atraído pelos erros ortográficos, não se deterá nem na qualidade do texto, nem em outros erros mais fundamentais do ponto de vista da escrita: incoerência do conteúdo, organização geral deficiente, falta de coesão entre as frases, inadaptação à situação de comunicação etc. (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p.99).

A necessidade de revisão é colocada ao final da SD:

Entretanto, uma revisão fina, de um ponto de vista estritamente ortográfico, é necessária. Porém, ela deve ser realizada na versão final do texto. Deve-se insistir, particularmente, na importância dessa higienização ortográfica nos textos que são lidos por outros, seja na sala de aula, seja fora dela (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p.99).

7º Encontro

No sétimo encontro é realizada a finalização da SD. Neste encontro deve-se realizar a exposição dos textos desenvolvidos no 5º encontro e revisados no 6º encontro, considerando a função social dos gêneros textuais. Ao iniciar a SD, o professor propôs ao grupo uma razão para desenvolverem o aprendizado da escrita do gênero, poderia ser para fazer uma exposição em um mural para outras turmas, ou para confeccionar um livreto com todas as produções destinado às famílias, ou outra forma previamente combinada com a turma. É no 7º encontro que esse evento acontece, e pode ser concretizado com um coquetel ou uma comemoração de encerramento de semestre.

Parte II

A Educação Profissional e Tecnológica e o ensino médio integrado ao técnico: surgimento, princípios e proposta pedagógica.

Nesta segunda parte apresentaremos uma breve introdução sobre a educação profissional no Brasil: de seu surgimento até a forma como se configura atualmente nos cursos EMI. Depois, indicaremos a concepção de trabalho que deve nela predominar, que é o trabalho no sentido ontológico e histórico (RAMOS, 2008). Buscamos sobretudo nos autores CIAVATTA¹, MOURA² e RAMOS³ as teorias que embasam o ensino em educação profissional e tecnológica, e a proposta de EMI.

A educação profissional e tecnológica (EPT) compreende cursos de curta, média e longa duração, nos níveis básico, superior e pós-graduação. No nível básico temos a educação profissional técnica de nível médio, de nível equivalente ao ensino médio. Pode ser oferecida de três formas: subsequente, concomitante ou integrada. A subsequente é quando o estudante faz o curso técnico após ter concluído o ensino médio. A concomitante é quando o estudante faz o curso técnico ao mesmo tempo em que faz o ensino médio, mas de forma separada, e podem ser feitos na mesma instituição ou em instituições distintas. A forma integrada, chamada de ensino médio integrado (EMI), é aquela em que o ensino médio e o curso técnico são um curso único, estruturado de modo próprio, diverso aos anteriores. Esta parte do material educativo foi desenvolvida para os professores que lecionam no EMI, com o objetivo de ofertar aos professores uma introdução sobre a caracterização destes cursos. Acreditamos que o valor deste material consiste na possibilidade de contribuir com a prática pedagógica, na medida em que alcançar nos (as) docentes um novo olhar sobre a educação profissional, despertando novas ideias e tentativas. Sugerimos que, antes de continuar a leitura, o (a) professor (a) questione:

- O que é educação?

¹ Professora titular em Trabalho e Educação pela Universidade Federal Fluminense atua na área de pesquisa em Trabalho e Educação (fonte: currículo lattes).

² Professor do IFRN. É pesquisador em educação, atuando principalmente em Políticas Educacionais e Trabalho e Educação, com ênfase no campo da educação profissional e em sua integração com a educação básica e com a educação de jovens e adultos (fonte: currículo lattes).

³ Professora associada da Faculdade de Educação da UERJ. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Profissional, atuando principalmente nos seguintes temas: educação profissional em saúde, educação profissional integrada ao ensino médio, ensino médio, ensino técnico, reformas educacionais, saberes profissionais (fonte: currículo lattes).

- O que é trabalho?
- Como é construída a relação entre educação e trabalho na educação profissional, em especial no curso de EMI?

Não temos a pretensão de elucidar todas as questões, mas queremos contribuir com informações (baseado em autores que pesquisaram o tema), para que o (a) professor (a) construa sua perspectiva sobre o EMI.

A educação para o trabalho na história

A relação entre a educação profissional e a educação geral, ou propedêutica, é marcada por uma separação entre as duas. Para aqueles que cursam o ensino técnico, são adquiridos aprendizados relativos a alguma atividade produtiva. Para os que cursam o ensino médio, são adquiridos conhecimentos gerais, desvinculados do exercício profissional.

Essa separação entre escola e produção reflete, por sua vez, a divisão que se foi processando ao longo da história entre trabalho manual e trabalho intelectual. Por esse ângulo, vê-se que a separação entre escola e produção não coincide exatamente com a separação entre trabalho e educação. Seria, portanto, mais preciso considerar que, após o surgimento da escola, a relação entre trabalho e educação também assume uma dupla identidade. De um lado, continuamos a ter, no caso do trabalho manual, uma educação que se realizada concomitantemente ao próprio processo de trabalho. De outro lado, passamos a ter a educação de tipo escolar destinada à educação para o trabalho intelectual (SAVIANI, 2007, p. 157).

No Brasil, essa situação **não** se apresentou de forma diferente, conforme Ramos:

Conhecemos a dualidade histórica que marca nosso ensino, especialmente no núcleo substancial dessa relação, qual seja, o ensino médio. Essa marca atravessa a história da educação brasileira, desde os tempos em que a educação profissional era uma política para retirar do vício e do ócio os desvalidos da sorte, passando pelas políticas de equivalência e de compulsoriedade do ensino técnico[...] (RAMOS, 2010, p.43).

Como podemos verificar a função da escola esteve ao longo do tempo dividida e o papel que desempenhou foi formar uma parte da sociedade com conhecimentos gerais e outra parte para o trabalho.

Entre os diversos períodos existentes na história da educação no Brasil, oscilaram políticas de incentivo à implantação do ensino profissional com outras de desvalorização e conseqüente diminuição de sua oferta. Nas últimas duas décadas, essa situação tem adquirido um delineamento que se mostrou propício para a criação de um tipo novo de ensino de formação para o trabalho.

O EMI: perspectiva de abertura para uma educação politécnica

Destacamos, na história recente, mudanças na legislação que apontaram na direção de incentivo a uma nova formação para o trabalho. Um dos exemplos de caminhos que apontam nessa direção é o advento do Decreto nº 5154/04, regulamentado posteriormente pela Lei 11.747/08. Com este decreto, o ensino médio pode ser ofertado de modo integrado ao curso técnico, anteriormente os dois eram compulsoriamente separados. A partir do citado decreto, os cursos de ensino médio integrado ao técnico (EMI) puderam ser criados e implantados.

Outro avanço relevante é a Lei nº 11.892/08, de criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. A lei prevê, em seu artigo oito, a oferta de 50% de suas vagas para a educação profissional técnica de nível médio e, de acordo com o artigo sete, alínea I, esta oferta se dará prioritariamente na forma de cursos integrados. Os avanços permitem caminhar em direção à construção de um ensino não mais dividido entre conhecimentos gerais e profissionais e sim favoreça uma formação completa.

A formação integrada sugere tornar íntegro, inteiro, o ser humano dividido pela divisão social do trabalho entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir ou planejar. Trata-se de superar a redução da preparação para o trabalho ao seu aspecto operacional, simplificado, escoimado dos conhecimentos que estão na sua gênese científico-tecnológica e na sua apropriação histórico-social. Como formação humana, o que se busca é garantir ao adolescente, ao jovem e ao adulto trabalhador o direito a uma formação completa para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade política. Formação que, nesse sentido, supõe a compreensão das relações sociais subjacentes a todos os fenômenos (CIAVATTA, 2005, p.85).

A intenção é proporcionar ao aluno uma formação completa, e não apenas intelectual ou profissional. A formação completa que se pretende atingir nos estudantes é denominada de diferentes modos por vários autores: formação omnilateral, tecnológica, politécnica e/ou unitária.

Defesa de um projeto de ensino médio integrado que integre trabalho, ciência e cultura, na perspectiva de uma formação unitária, politécnica e omnilateral (RAMOS, 2010, p.43).

O objetivo é ofertar ao aluno uma formação que possibilite seu pleno desenvolvimento. Conforme Ramos:

Um projeto de ensino médio integrado ao ensino técnico tendo como eixos o trabalho, a ciência e a cultura, deve buscar superar o histórico conflito existente em torno do papel da escola, de formar para a cidadania ou para o trabalho produtivo e, assim, o dilema de um currículo voltado para as humanidades ou para a ciência e tecnologia (RAMOS, 2005, p.106).

A proposta de EMI busca não apenas fornecer um ensino técnico unido ao propedêutico, como também busca aprofundar a relação existente entre os dois, criando um ensino médio de novo formato, estruturado em concepções e teorias que lhe dão suporte, sendo apenas o início de uma transformação mais longa e ampla que se pretende alcançar no ensino médio.

[...] uma solução transitória e viável é um tipo de ensino médio que garanta a integralidade de uma educação básica, ou seja, que inclua os conhecimentos científicos produzidos e acumulados historicamente pela sociedade, como também objetivos adicionais de formação profissional numa perspectiva da integração dessas dimensões. Essa perspectiva, ao adotar a ciência, a tecnologia, a cultura e o trabalho como eixos estruturantes, contempla as bases em que se pode desenvolver uma educação tecnológica ou politécnica [...] (MOURA, 2007, p.19)

O ser humano e o trabalho, a ciência e a cultura

Vimos que a educação técnica esteve separada do ensino propedêutico, processo chamado por diversos autores de dualidade educacional, e que no Brasil a configuração das últimas décadas favoreceu a construção de um novo tipo de ensino profissional técnico unificado ao propedêutico, denominado ensino médio integrado.

A sequência didática apresentada na primeira parte deste material é destinada para ser aplicada nos estudantes dos cursos de EMI, na modalidade PROEJA. Os objetivos a que a SD se propõe são tornar o gênero textual memórias literárias, conhecido dos estudantes e, por meio das atividades desenvolvidas para o estudo deste gênero, promover nos estudantes, reflexões sobre os sentidos do trabalho, apresentando situações que promovam a compreensão o trabalho do modo como é concebido no EMI. As atividades propostas, os textos, os trechos de filmes e as rodas de conversa foram elaborados pautados por essas concepções, e é preciso que o professor direcione o desenvolvimento dessas atividades nesse sentido.

É necessário ter clareza sobre o conceito de ser humano e de trabalho, que no EMI estão intrinsecamente ligados, pois a capacidade para o trabalho existente no ser humano é parte essencial do mesmo (SAVIANI, 2007).

O caráter teleológico da intervenção humana sobre o meio material diferencia o homem do animal, uma vez que esse último ao distinguir a sua atividade vital de si mesmo, enquanto o homem faz da sua atividade um objeto de sua vontade e consciência. Os animais podem reproduzir, mas o fazem somente para si mesmos, o homem reproduz toda a natureza, o que lhe confere liberdade e universalidade. Dessa forma, produz conhecimento que, sistematizado sob o crivo social e por um processo histórico, constitui a ciência (RAMOS, 2010, p.48).

O trabalho é entendido não de modo individual, mas realizado em conjunto com outros seres humanos. E é por essa capacidade de modificar o mundo que o cerca que Dante coloca como um dos eixos norteadores para o ensino integrado, a definição de “homens e mulheres como seres histórico-sociais, portanto, capazes de transformar a realidade” (MOURA, 2007, p.21). Essa transformação da realidade por meio do trabalho não se constrói em âmbito pessoal, mas sim coletivo. São seres histórico-sociais porque coletivamente e ao longo do tempo as pessoas foram organizando a vida em sociedade de diferentes modos e criando e produzindo coisas diversas para as necessidades e possibilidades que percebiam: objetos, remédios, habitações, meios de transporte, entre

outras tantas. Em um processo contínuo e ininterrupto, o ser humano acumula conhecimento e continua a criar o novo e recriar o antigo, modificando a realidade ao seu redor.

Intimamente ligada a essa concepção de ser humano, está a concepção de trabalho, que apresenta duplo sentido, de acordo com Ramos:

a) ontológico, como práxis humana e, então, como a forma pela qual o homem produz sua própria existência em relação com a natureza e com os outros homens e, assim, produz conhecimentos;

b) histórico, que no sistema capitalista se transforma em trabalho assalariado ou fator econômico, forma específica da produção da existência humana sob o capitalismo; portanto, como categoria econômica e práxis diretamente produtiva (RAMOS, 2008, p.7).

A intervenção e conseqüente transformação realizada no ambiente pelo fazer humano, criando e produzindo, é chamada de trabalho. O trabalho no sentido ontológico é, portanto, ação humana criativa e transformadora da realidade. As pessoas percebem as possibilidades para o mundo ao redor e o modificam. Já o trabalho no sentido histórico é a forma como este se apresenta, de acordo com a época em que se vive. Trabalho escravo, vassalo e assalariado são exemplos de trabalho no sentido histórico.

O entendimento do trabalho nos sentidos ontológico e histórico é importante também para superar a separação de trabalho manual e intelectual. No sentido ontológico, não há a divisão entre criação e construção. O trabalho é processo simultâneo de criação e construção.

A noção de politecnia se encaminha na direção da superação da dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual, entre instrução profissional e instrução geral. (SAVIANI, 2007).

A separação entre manual e intelectual encontra-se enraizada, de mesmo modo que teoria e prática, e é preciso superá-las.

Já sugeri abandono do par teoria e prática como referência explicativa para conteúdos de aprendizagem no campo da educação profissional. Mas tal sugestão não é fácil de ser implementada. As raízes de tal dicotomia são profundas e baseadas numa tradição filosófica respeitável (BARATO, 2008, p.8).

A partir das perspectivas apresentadas de ser humano e de trabalho, presentes na concepção do EMI, a cultura e a ciência são entendidos como produtos da criação humana (SAVIANI, 2007). Por meio do trabalho, o ser humano produz conhecimentos científicos e cultura. Juntos, o trabalho, a ciência e a cultura estão articulados em uma base que estrutura o EMI (RAMOS, 2008).

A resolução Nº 6, de 20 de setembro de 2012, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, coloca em seu Capítulo II, nos Princípios Norteadores:

III - trabalho assumido como princípio educativo, tendo sua integração com a ciência, a tecnologia e a cultura como base da proposta político-pedagógica e do desenvolvimento curricular;

O trabalho como base estruturante do EMI é assim apresentado por Ramos:

O trabalho, no sentido ontológico e histórico, é princípio e organiza a base unitária do ensino médio por ser condição para se superar um ensino enciclopédico que não permite aos estudantes estabelecer relações concretas entre a ciência que aprende e a realidade em que vive (RAMOS, 2010, p.55).

Nesse sentido, concebendo a ciência e a cultura como produtos da criação humana, resultantes do trabalho, entende-se que:

Apreender o sentido dos conteúdos de ensino implica reconhecê-los como conhecimentos construídos historicamente e que se constituem para o trabalhador, em pressupostos a partir dos quais se podem construir novos conhecimentos no processo de investigação e compreensão do real. O real é tanto material – a natureza e as coisas produzidas pelos homens – quanto social, configurado pelas relações que os homens constroem entre si. É pela relação homem-natureza e homem-homem que o ser humano produz sua existência como espécie e como sujeitos singulares (RAMOS, 2005, p.107).

O direito que todos têm ao conhecimento é também enfatizado por Ramos:

O princípio básico dessa proposta é o direito ao conhecimento. O ser humano se apropria de sua realidade pela mediação do trabalho e do conhecimento. Mas todo novo conhecimento pressupõe um conhecimento anterior, de modo que é direito de todos o acesso ao conhecimento já produzido pela humanidade, é um direito, ainda, que a formação possibilite a apropriação desses conhecimentos para viabilizar a compreensão e a interação com a realidade no sentido de transformá-la coletivamente em um outro projeto de sociedade, transformando-se também a si próprio como uma dinâmica da interação com a natureza e entre seres humanos (RAMOS, 2008, p.21).

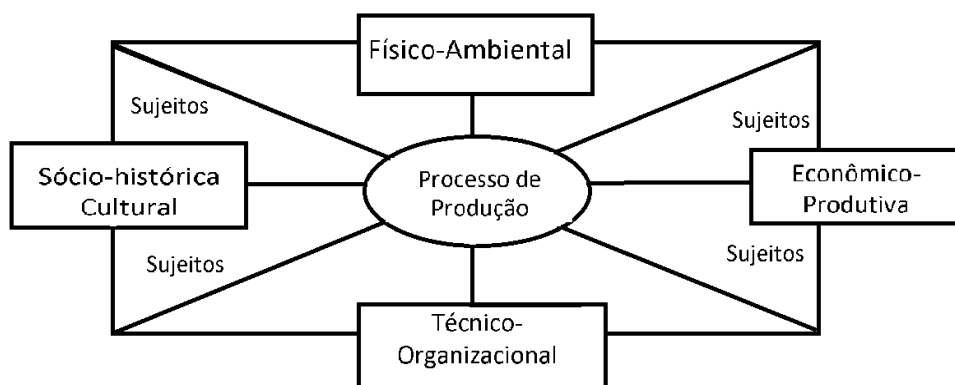
Os cursos de ensino médio integrado ao técnico apresentam uma concepção de ensino que articula trabalho, ciência e cultura em uma perspectiva de formação integral do sujeito (FRIGOTTO; CIAVATTA, 2004). A SD da primeira parte deste material educativo busca promover discussões em que o trabalho, a ciência e a cultura sejam abordados a partir da concepção do EMI, de modo a contribuir com a formação integral do estudante.

Currículo e Metodologia

Um currículo nos moldes que propõe o ensino médio integrado deve prever o modo como será realizada uma prática educacional que alcançará no estudante uma formação completa. Para atingir esse objetivo, é necessário que as disciplinas dialoguem entre si, e seus saberes se integrem. Devem vincular-se a realidade e promover práticas que gerem posicionamento ativo dos estudantes. As possibilidades para o currículo e metodologia são apresentadas por alguns autores. Ramos (2008) apresenta como proposta para o EMI que o currículo seja organizado de modo que os conhecimentos estudados sejam abordados por diversas áreas do saber, para que o estudante conheça o assunto estudado no todo, e não apenas em uma faceta do mesmo. O currículo nesses moldes deve ser construído de forma coletiva, e não implica eliminação de disciplinas (CIAVATTA, 2005).

Objetivamente, propomos o desafio de se construir o currículo integrado partindo-se da compreensão do processo de produção da área profissional como uma realidade concreta que precisa ser investigada e conhecida em suas múltiplas dimensões – histórica, econômica, ambiental, social, política, cultural – além da própria propriamente científica e técnico-procedimental (RAMOS, 2010, p.53).

A abordagem dos conteúdos nas aulas dos cursos de EMI deve se realizar por meio da integração da área profissional com os conhecimentos gerais. Para tanto, o currículo deve organizar-se de modo que os temas sejam estudados a partir de suas diversas áreas, relacionando todos os fatores que nele interferem e todo conhecimento dele existente, e não por meio do ensino isolado de técnicas, ou de procedimentos, ou de conceitos, ou de saberes. Ramos propõe o seguinte esquema para abordagem dos conteúdos a serem estudados no ensino médio:



(RAMOS, 2008, p.15).

O currículo integrado, conforme o entendemos, organiza o conhecimento e desenvolve o processo de ensino e aprendizagem de forma que os conceitos sejam apreendidos como sistemas de relações de uma totalidade concreta que se pretende explicar, compreender e transformar. Essa concepção pressupõe que as disciplinas escolares sejam responsáveis por permitir apreender os conhecimentos já construídos em sua especificidade conceitual e histórica. A interdisciplinaridade, na perspectiva dialética, é a reconstituição da totalidade pela relação entre os conceitos originados a partir de distintos recortes da realidade, isto é, dos diversos campos da ciência representados em disciplinas. Isto tem como objetivo possibilitar a compreensão do significado dos conceitos, das razões e dos métodos pelos quais se pode conhecer o real e apropriá-lo em seu potencial para o ser humano (Ramos, 2010, p.79).

O conceito de integração, entretanto, vai além da forma. Não se trata de somar os currículos e/ou cargas horárias referentes ao ensino médio e às habilitações profissionais, mas sim de relacionar internamente à organização curricular e do desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem conhecimento gerais e específicos, cultura e trabalho, humanismo e tecnologia. A construção dessas relações tem como mediações o trabalho, a produção do conhecimento científico e da cultura. O currículo integrado do ensino médio técnico visa à formação dos trabalhadores como dirigentes, tendo como horizonte a superação da dominação dos trabalhadores e perspectivas de emancipação (RAMOS, 2010, p.51).

O currículo do EMI é assim concebido para que formação do estudante não seja parcial, mas sim que ele aprenda a compreender a realidade em que vive, e nela atue de forma consciente e participativa.

Não há uma metodologia própria para os cursos de ensino médio integrado, porém alguns autores apontam caminhos para o ensino. Ramos propõe:

- 1) Problematizar fenômenos – fatos e situações significativas e relevantes para compreendermos o mundo em que vivemos, bem como processos tecnológicos da área profissional para a qual se pretende formar – como objetos de conhecimento, buscando compreendê-los em múltiplas perspectivas: tecnológica, econômica, histórica, ambiental, social, cultural etc.
 - 2) Explicitar teorias e conceitos fundamentais para a compreensão dos objetos estudados nas múltiplas perspectivas em que foi problematizada e localizá-los nos respectivos campos das ciência (áreas do conhecimentos, disciplinas científicas e/ou profissionais) identificando suas relações com outros conceitos do mesmo campo (disciplinaridade) e campos distintos do saber (interdisciplinaridade).
 - 3) Situar os conceitos como conhecimentos de formação geral e específica, tendo como referência a base científica dos conceitos e sua apropriação tecnológica, social e cultural.
 - 4) A partir dessa localização e das múltiplas relações, organizar os componentes curriculares e as práticas pedagógicas, visando corresponder, nas escolhas, nas relações e nas realizações, ao pressuposto da totalidade do real como síntese de múltiplas determinações.
- (RAMOS, 2008).**

Moura aponta os princípios que norteiam a educação integral: a) homens e mulheres como seres histórico sociais, portanto, capazes de transformar a realidade, b) trabalho como princípio educativo, c) pesquisa como princípio pedagógico, d) a realidade concreta como uma totalidade, síntese de múltiplas relações e e) a interdisciplinaridade, contextualização e flexibilidade (2007).

As informações aqui apresentadas são apenas uma pequena parte das teorias que embasam o EMI. Porém, muitos docentes as desconhecem e é necessário que busquem ampliar esse conhecimento. Portanto, é natural que os professores levem tempo para apreendê-las e integrá-las ao cotidiano, oscilando entre diversas práticas. E é importante ressaltar que, para além do campo metodológico, há também um caráter filosófico, epistemológico e político (Ramos, 2008) da integração, pois a mesma não se esgota no campo pedagógico.

Esta segunda parte pretendeu apresentar aos professores uma introdução sobre a educação para o trabalho na perspectiva dos cursos de EMI, em especial os conceitos de ciência, trabalho e cultura que lhe dão estrutura.

REFERÊNCIAS

- BARATO, Jarbas Novelino. **Conhecimento, Trabalho e Obra: uma proposta metodológica para a educação profissional**. Boletim Técnico do Senac. Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, p. 4-15, 2008.
- BRASIL. **Resolução Nº 6, de 20 de setembro de 2012**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, 21 de setembro de 2012.
- CIAVATTA, M. **A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e identidade**. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, M. (orgs.) Ensino médio integrado: concepções e contradições. São Paulo: Cortez, p. 83-105, 2005.
- KÁPLUN, Gabriel. **Material educativo: a experiência de aprendizado**. Comunicação & Educação, n. 27, p. 46-60, 2003.
- MOURA, Dante Henrique. **Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração**. Holos, Natal, ano 23, v. 2, p. 4-30, 2007.
- NAVA, Pedro. Beira Mar: **memórias 4**. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
- NETA, Raimunda de; SALES, Laurenia Souto; SILVA, Marluce Pereira da. **Vestígios de memória e a constituição discursiva de identidades na produção escrita de alunos**. Revista Educação e Linguagens, Campo Mourão, v. 7, n. 13, 2018.
- NIEMEYER, Oscar. **Curvas do tempo**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Revan, 1998.
- O MENINO QUE DESCOBRIU O VENTO. Direção: Chiwetel Ejiofor. Produção: Andrea Calderwood, Gail Egan. Reino Unido da Grã-Bretanha, 2019, 1 DVD.
- RAMOS, Marise Nogueira. **Implicações Políticas e Pedagógicas da EJA integrada à Educação Profissional**. Revista Educação e Realidade, v.35, n.01, p. 65- 85, 2010.
- RAMOS, Marise Nogueira. **Concepção do ensino médio integrado**. In: Seminário sobre o ensino médio, 2008, Belém. RN: Secretaria Estadual de Educação - Natal Disponível em: <https://goo.gl/1ne8TW>. Acesso em: 09/05/2019
- RAMOS, Marise. **Ensino Médio integrado: ciência, trabalho e cultura na relação entre educação profissional e educação básica**. In: MOLL, Jaqueline (org). Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2010.

RAMOS, Marise Nogueira. **Possibilidades e desafios na organização do currículo integrado.** In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, M. (Org.) Ensino médio integrado: concepções e contradições. São Paulo: Cortez, p. 106-127, 2005.

SAVIANI, Demerval. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos.** Revista Brasileira de Educação, São Paulo, v.12, n. 34, p. 152-165, 2007.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento.** In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Gêneros orais e escritos na escola. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercados de Letras, 2004.

TEMPOS MODERNOS. Direção e produção: Charlie Chaplin. EUA: United Artists, 1936, 1 DVD.